

# O Conto da Aia: Distopia?

[resenha]

Sabrina Soares Silva

## SOBRE O AUTOR

---

Sabrina é graduanda em Direito pela UERN, aluna do 7º período e estagiária na Secretaria de Segurança Pública, Defesa Civil, Mobilidade Urbana e Trânsito.



## O CONTO DA AIA: DISTOPIA?

Sabrina Soares Silva

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**; tradução de Ana Dreidó. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

Margaret Atwood é uma romancista, poeta, crítica literária e ensaísta, cujas obras são inspiradas em contos de fadas europeus e na mitologia euro-asiática. Sua principal e mais famosa obra, “O conto da Aia”, contém a história central para a existência da seguinte resenha, a partir da análise da obra como um todo, tanto em seu formato de série, quanto em seu formato literário.

A obra citada foi lançada durante a década de 1980, momento em que os Estados Unidos emergiam de uma crise econômica cujas soluções somente favoreciam aos grupos econômicos mais abastados, causando concentração de renda. E traz uma narrativa distópica a respeito da liberdade e dos direitos civis das mulheres, mitigados em decorrência de uma revolução teocrática, totalitária e patriarcal. De modo geral, a sociedade da obra configurou-se a partir de uma crise ambiental que desencadeou a infertilidade em boa parte da população, colocando em risco a reprodução da espécie humana. Nessa conjuntura, o que eram os Estados Unidos da América sofreram um golpe provocado por fundamentalistas religiosos, que iniciam um governo totalitário e teocrático na, agora, República de Gilead, pregando a defesa da família tradicional e dos valores cristãos. A principal personagem, June, é afastada de sua família, perde seus direitos e passa a viver como uma Aia – mulheres tidas como servas nas casas das famílias mais nobres e que possuem a função meramente de procriar, como propriedades do Estado. A realidade vivida pela personagem é também a de outras mulheres na ficção, as quais foram reeducadas, em uma espécie de escola, referida por June como Centro Vermelho, em que elas foram violentadas, de diversas formas, como forma de aprender a nova forma de cultura em que iriam viver.

Submissão: 10/11/22  
Aprovação: 07/02/23

Essa espécie de controle, estabelecido principalmente sobre as mulheres, desde sua infância e socialização primária, é conhecido como violência simbólica. Esse controle é um modo de subjugar alguém a um tipo de comportamento sem a necessidade de castigos físicos ou privativos. É forçar uma cultura sobre aquela pessoa de modo que ela não tenha opção a não ser agir em conformidade: “toda ação pedagógica é uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural.” (BORDIEU, PASSERON, 1992, p. 20). São tentativas de empurrar a cultura patriarcal garganta abaixo para que o sexo oposto viva de acordo com suas diretrizes. Tal situação que pode ser observada, por exemplo, com o tratamento dado a Luísa Sonza. A cantora, durante a promoção de seu álbum ‘Doce 22’, foi duramente criticada por um comportamento dito imoral, devido as suas roupas e letras. Todavia, a famosa somente utilizava de sua liberdade para construção de uma persona mais confiante nessa nova era de sua carreira, daí a irracionalidade nas críticas eufêmicas e machistas por conta do comportamento ‘imoral’ da estrela, imoral porque uma fêmea ousava dominar sua sexualidade do mesmo modo que um macho. Por que uma mulher independente não pode utilizar-se de sua sensualidade para portar-se como bem quer no palco, quando homens constroem carreiras em sites pornôis? Juízos de opinião como esses rememoram uma frase de Bell Hooks:

O pensamento sexista ensinado às mulheres desde o nascimento deixou claro que o domínio do desejo sexual e do prazer sexual era sempre e somente masculino, que apenas uma mulher de pouca ou nenhuma virtude diria ter necessidade sexual ou apetite sexual. (HOOKS, 2018, p.70)

Não é novidade que o mundo seja machista e patriarcal, porém, violências como a ocorrida com Mariana Ferrer, por exemplo, preocupam no sentido de que são explicitadas de modo público, sem receio algum e, inclusive, dentro do Judiciário, aonde deveria haver construção de justiça. Mariana Ferrer foi drogada e estuprada, porém julgada como ré por um crime em que foi vítima. Foram virais os momentos da audiência online em que o advogado da parte acusada utilizava-se dos posts de uma rede social da influenciadora digital para justificar o sexo forçado. Desde quando comportamento e roupas são justificativas para uma pessoa ser drogada e estuprada? Para que alguém chegue ao fundo do poço em quesito de saúde mental por julgamen-

tos sexistas? Seria a mídia o novo Centro Vermelho? Serão as garotas sempre julgadas pelo modo como se portam? Não seria esse um direito básico dado a todo e qualquer indivíduo? Desse modo, é correto afirmar que a negação desse direito seria uma forma de retirada de um direito básico. Tal qual foi retirado das mulheres de Gilead sua identidade enquanto indivíduos livres e independentes para se tornarem propriedades do Estado, procriadoras para a República, de comportamento passivo e obediente. Até onde a violência simbólica, a partir da internet, a qual permite que os juízes não sejam revelados, irá para demanda de um comportamento dócil?

(...) como as heroínas perseguidas dos romances do século XVIII, as jovens celebridades das histórias dos tabloides estavam condenadas a vagar por territórios selvagens, acossadas pelos camponeses armados com bastões e lentes zoom, ou a permanecer prisioneiras nas masmorras de vidro de sua fama. (CHOCANO, 2020, p.199).

No mesmo sentido, porém de modo mais violento e explícito, eram as diversas penas corporais constantes sob as quais as aias eram submetidas, ainda que tivessem cometido um simples comportamento taxado como rebelde. Isso acontecia principalmente no Centro Vermelho. Um episódio marcante que demonstra bem essa tentativa de doutrinação por meio das agressões foi um já no primeiro episódio da série, em que uma personagem, Janine, age de modo desafiador para com uma das Tias e, como consequência, tem um de seus olhos arrancado. Assim como quando Emily, ou Ofglen, sofre mutilação genital feminina, ou seja, a remoção de seu clitóris, como uma maneira de punição pelo fato de a personagem ser lésbica, um comportamento não aceito na sociedade de Gilead. Ambos comportamentos ameaçadores a ordem da perfeita família tradicional, em que a mãe nada mais é que obediente.

Para exemplificar o que foi dito, tem-se uma passagem da obra:

Ordeno que as mulheres se vistam com vestes modestas [...], com pudor e sobriedade; sem cabelos trançados ou ouro, ou pérolas ou vestimentas. Mas [...] com boas obras. Que a mulher aprenda em silêncio com toda a sujeição. [...] Mas não tolerarei que uma mulher ensine, nem que usurpe a autoridade do homem, apenas que se mantenha em silêncio. Pois primeiro Deus criou Adão, depois Eva. (ATWOOD, 1939, p.262).

Hodiernamente, essa violência física é apresentada de modo extremo

com as notícias, quase diárias, de companheiros que matam suas companheiras por revolta com o término do relacionamento. Estaria o direito de escolha da mulher, um dos direitos mais básicos, sendo retirado delas por animais machistas que se acham donos de suas ex-companheiras?

Estes episódios anteriormente narrados a partir das situações exemplificativas de Luísa e Mariana são parte de um acontecimento chamado de 'ansiedade sexual'. No livro de Jason Stanley, *Como nasce o fascismo* (2018), esse fato mostra-se destruidor da igualdade, e também da liberdade. A partir do momento em que os homens se sentem ameaçados, pelo poder feminino, pelas suas conquistas de liberdade e independência, eles precisam provar-se como os chefes de sua família novamente. Eles perderam seu papel patriarcal perante sua família e isso os leva a agir de modo ameaçador para impedirem-se de sentir mais dessa ansiedade, traduzindo-se em uma democracia que erode lentamente, com uma corrosão de direitos fundamentais. É aproveitando-se dessa ânsia pelo poder cedido, todavia, não perdido que o lado conservador retoma sua força na sociedade atual. Por meio da pintura de um quadro em que a família e a moral estão sendo rejeitadas pelo simples fato de haverem mulheres livres e donas de seus corpos, de suas sexualidades, de sua vida como um todo, sem a necessidade da ajuda de um homem para ascender ou se manter. É uma cultura que vem se estendendo durante séculos, justificando a inferioridade feminina. Caso essa cultura não se desfaça, Gilead pode ser visto ao horizonte perfeitamente, não de modo literal, porém, de modo geral, como uma sociedade que retira direitos fundamentais de suas cidadãs, em nome de uma ameaça não existente a seus privilégios.

Mesmo que sejam personagens fictícias, distantes da nossa realidade, as violências não o são. June pode pertencer a uma conjuntura distópica na qual é justificável agredir de modo físico e psicológico as propriedades do Estado para que elas ajam de modo dócil, porém é inegável perceber que as mulheres, enquanto minoria política, transformaram-se no inimigo, em inúmeros momentos, tais como os citados previamente. Quer dizer, um personagem desobediente e rebelde construído socialmente para preservação do poder masculino branco e cis perante todos aqueles considerados inferiores. A partir destas violências, das mais sutis às mais explícitas, que o machismo e a cultura patriarcal se apresentam até hoje, enraizados na cultura como um vírus sem cura e que pode chegar a ser letal.

Como diz Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p.9) Somos educadas a fazer parte de um molde submisso e obediente, a partir de uma educação que vem desde antes de nascermos, a partir do momento da descoberta do gênero do neném. Desse momento em diante, dá-se início a um processo de visualização de como o indivíduo ainda não nascido será: vestido rosa, lacinhos, passividade e um amor não descrito por tarefas domésticas, como também, obedientes a seus pais e tementes a Deus. Do mesmo modo em Gilead, um comportamento tal como o previamente mencionado, é imposto a mulheres adultas, por meio de violências dos mais diversos modos. Direitos essenciais são deixados de lado em prol da pregação de um modo de vida que em nada se assemelha ao que dizem ser seus valores, pois enquanto mulheres são condenadas ao ambiente doméstico, os homens deleitam-se na luxúria e na riqueza de seus escritórios e locais secretos.

Daí a genialidade de Atwood em criar uma obra distópica, mas com pontos totalmente passíveis de realidade, não por motivos econômicos e biológicos como em Gilead, mas políticos e sociais. Em razão de uma hierarquia social medrosa na distribuição de seu poder, pois aqueles no topo preferem mantê-lo, mesmo que as custas das vidas de muitas e da violação de outras. Enquanto o homem somente retorna ao pó em seu dia de morte, a mulher pode o ser por intermédio da retirada de seus direitos, a partir da quebra de sua identidade como ser humano digno de direitos fundamentais e básicos.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Paris: Librairie Galignani, 1979.  
BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CHOCANO, Carina; **Mulheres Imperfeitas: como Hollywood e a Cultura Pop Construíram Falsos Padrões Femininos no Mundo Moderno**; São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.

HOOKS, Bell; **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**. Porto Alegre: L&PM, 2018.